

A NECESSIDADE DA PREGAÇÃO DO EVANGELHO: UM ESTUDO EXEGÉTICO DE ATOS 10.34-43

THE NEED OF GOSPEL PREACHING: AN EXEGETICAL STUDY OF ACTS 10.34-43

Gabriel Giroto Lauter¹

RESUMO

Nesse trabalho, realiza-se um estudo exegético baseado na metodologia histórico-gramatical do texto de Atos 10.34-43. O texto mostra a ação do Espírito Santo fazendo com que o apóstolo Pedro pregue o Evangelho a Cornélio, um prosélito centurião romano. Em sua apresentação do Evangelho, o apóstolo fala da vida, morte e ressurreição de Jesus. O estudo mostra que o acontecimento narrado faz parte do cumprimento do propósito do Senhor Jesus expresso em Atos 1.8. O discurso de Pedro acerca da vida, morte e ressurreição no qual Jesus constitui o elemento principal da mensagem do Evangelho e a imparcialidade de Deus com relação aos homens não invalida a necessidade da pregação.

Palavras-chaves: Pluralismo religioso. Bíblia. Evangelho. Pregação. Exegese.

ABSTRACT

This paper contains an exegetical study utilizing the historical-grammatical method on Acts 10.34-43. The text shows the action of the Holy Spirit leading the apostle Peter to preach the Gospel to Cornelius, a proselyte and a Roman centurion. In his presentation of the Gospel, the apostle speaks of the life, death and resurrection

¹O autor é bacharel em Administração de Empresas pela Universidade de Santa Cruz do Sul, bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná, professor e coordenador de extensão na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: gabriel@batistapioneira.edu.br

of Jesus. The study shows that the event narrated is part of the fulfillment of the purpose of the Lord Jesus expressed in Acts 1.8. Peter's discourse about the life, death and resurrection of Jesus is the main element of the Gospel message and the impartiality of God concerning men does not invalidate the need of preaching.

Keywords: Religious pluralism. Bible. Gospel. Preaching. Exegesis.

INTRODUÇÃO

Atualmente, vive-se uma época de pluralidades. O pós-modernismo trouxe consigo a relativização dos conceitos, ao mesmo tempo em que a tolerância e a aceitação tornaram-se valores de grande importância para a sociedade. Essas mudanças também refletem no cenário religioso. A pluralidade religiosa passou a ser vista como algo benéfico, quase “sagrado”. É claro que a liberdade religiosa constitui um princípio de grande importância. Historicamente ela foi, inclusive, um dos princípios fundamentais entre os batistas. Contudo, também é fato que entre os evangélicos têm surgido novas posturas que questionam a necessidade da pregação verbal do Evangelho àqueles que são adeptos de crenças não cristãs.

Nesse cenário, acredita-se que o estudo do texto de Atos 10.34-43 tem muito a acrescentar. Nele, observa-se a conversão do centurião Cornélio. Um homem de grande importância na sociedade, temente ao Deus dos hebreus e que, pela ação do Espírito Santo, ouviu e creu na mensagem acerca da ressurreição de Jesus Cristo. É interessante observar a condução do Senhor nos primeiros anos de sua igreja para o cumprimento dos seus propósitos.

O estudo da passagem será realizado a partir da metodologia histórico-gramatical que, segundo Claiton Kunz, constitui-se de um método exegético que requer o conhecimento de antecedentes linguísticos, históricos, culturais e geográficos da passagem. Será apresentado um roteiro que contempla uma abordagem inicial do texto (visão geral, delimitação, crítica textual e tradução), seguida pela análise do contexto (histórico, literário, cultural e, quando necessário, geográfico), análise do texto (incluindo questões léxicas, gramaticais, sintáticas e teológicas) e síntese. O texto utilizado como base será o da 4ª edição revisada de *O Novo Testamento Grego* (ALAND, 2012), incluindo o seu aparato crítico.

1. O TEXTO

O texto de Atos 10.34-43 registra um discurso marcante, que resume de maneira clara a essência da mensagem do Evangelho. Assim foram as palavras do apóstolo

Pedro na casa do centurião Cornélio. Ocorrido em um momento singular, esse episódio marcou definitivamente a história da igreja.

Sendo o centurião Cornélio um homem piedoso e temente a Deus (At 10.2), é possível que seja questionado:

- Por que razão era necessário que Pedro lhe pregasse a mensagem do Evangelho?
- Essa mesma mensagem deve continuar sendo pregada a todos ainda nos dias de hoje?

hoje?

Espera-se, por meio do estudo do texto de At 10.34-43, que tais perguntas sejam respondidas.

1.1 Visão geral

A igreja vivia um momento único em sua história. Por meio da ação do Espírito Santo, o Evangelho rompia barreiras e se expandia rapidamente. A perseguição iniciada na ocasião do apedrejamento de Estêvão (At 8.1), em vez de inibir a pregação do evangelho, fez com que os discípulos fossem dispersos pelas regiões da Judeia e Samaria e levassem a mensagem a cada vez mais pessoas. O plano indicado pelo próprio Senhor Jesus de que os apóstolos seriam suas testemunhas em Jerusalém, Judeia, Samaria e até os confins da terra (At 1.8) estava se concretizando. É possível que próprio apóstolo Pedro não tivesse total consciência do significado de suas palavras ao dizer àqueles que lhe ouviam na festa de Pentecostes: “A promessa é para vocês, para os seus filhos e para todos que estão longe, para todos quantos o Senhor nosso Deus, chamar” (At 2.39).

O apóstolo Pedro já tivera a experiência de orar pelos samaritanos que ouviram o evangelho por meio de Filipe para que recebessem o Espírito (At 8.4-8;14-17). Em Jope, depois de ter sido usado por Deus para realizar um grande milagre ao ressuscitar uma discípula chamada Tabita (At 9.36), Pedro teve uma visão intrigante. Ouviu por três vezes: “Não chame de impuro ao que Deus purificou” (At 10.15). Ele nem imaginava que, um dia antes, Cornélio, um respeitado centurião que habitava em Cesareia, também tivera uma visão de um anjo do Senhor, e que seus empregados já rumavam ao seu encontro (At 10.1-8).

Diante de Cornélio e seus convidados (conforme os versos 34 e 35), o apóstolo Pedro reconheceu a quebra de um paradigma. Ficou claro que Deus não aceita apenas os judeus, mas também pessoas de todos povos que o temem e praticam a justiça. Nos versos 36 a 42 o apóstolo apresentou um resumo da obra de Jesus, incluindo seu ministério terreno, morte e ressurreição, fatos dos quais ele e os demais apóstolos

foram testemunhas. O verso 43 inclui uma informação de grande importância: o próprio Deus ordenou que fosse pregado ao povo que Jesus foi constituído juiz de vivos e mortos, sua obra redentora havia sido predita pelos profetas e o perdão dos pecados é concedido a todo aquele que crê nele, mediante o seu nome.

1.2 Delimitação

A perícope em questão se refere ao discurso proferido pelo apóstolo Pedro a Cornélio e aos convidados que estavam em sua casa. A delimitação da passagem escolhida está ligada ao início e ao término do discurso do apóstolo. O verso anterior (10.32) encerra a fala de Cornélio ao explicar para Pedro a respeito da visão que tivera e que o levou a chamá-lo à sua residência. O verso 34 indica claramente o início da fala de Pedro nas palavras Ἀνοίξας δὲ Πέτρος τὸ στόμα εἶπεν (*anoixas de petros to stoma eipen*), que significam literalmente “abrindo então Pedro a boca disse”.

A perícope encerra-se quando o autor narra o fato dos ouvintes terem recebido o Espírito Santo. O verso posterior (10.44) traz ἔτι λαλοῦτος τοῦ Πέτρου ῥήματα ταῦτα ἀκούοντας τὸν πνεῦμα τὸ ἅγιον ἐπὶ πάντας τοὺς ἀκούοντας (*eti laloutos tou petrou rhemata tauta akouontas ton pneuma to hagion epi pantas tous akouontas*) que significa literalmente “ainda falando Pedro as palavras estas caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam”, ou, conforme a NVI, “enquanto Pedro ainda estava falando estas palavras, o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a mensagem”. Percebe-se que se encerrou a narração do discurso de Pedro e se passou ao novo acontecimento. Portanto, entende-se que o discurso de Pedro na casa de Cornélio pode ser delimitado entre os versos 34 e 43.

1.3 Crítica textual

O texto selecionado apresenta variantes textuais significativas em três dos nove versículos estudados. As variantes do versículo 36, conforme a quarta edição de *Novo Testamento Grego*, são:²

ὅν P⁷⁴ Ⓢ* C D E Ψ 36 181 307 453 610 945 1175 1409 1678 1891 2344
 Biz [L P] *Lecit*^c *sir*^{p,h} geo esl Cirilo-Jerusalém Didimo^{duv} Crisóstomo //
*omitem*¹ A B 81 614 1739 1178 *it*^{ar, c, d, dem, gig, l, p, fi, ro, t, w} *vg cop*^{sa, bo,}
^{meg} arm eti Hipólito Atanásio Cirilo; Speculum.

A primeira leitura traz o pronome relativo ὅν (*on*, “que”, “a qual”) logo após o substantivo τὸν λόγον (*ton logon*, “a palavra”). Essa leitura é atestada pelo Papiro

² ALAND, Barbara; ALAND, Kurt (Orgs.). *O Novo Testamento grego*: quarta edição revisada. Barueri: SBB, 2012. p. 382.

74, pelos Unciais Sinaítico (Ⲡ, leitura original), entre outros (C, D, E, Ψ), por vários Minúsculos (36, 181, 307, 453, 610, 945, 1175, 1409, 1678, 1891, 2344), pelos manuscritos de tradição bizantina (L, P), pela maioria dos lecionários, por versões antigas como a *Vetus Latina*, siríaca (Peshita e Herácleana), georgiana, eslava, além de Cirilo de Jerusalém, Dídimo (citação duvidosa) e Crisóstomo.

A segunda leitura, atestada pelos Unciais Sinaítico (Ⲡ, primeira correção), Alexandrino (A), Vaticano (B), por alguns Minúsculos (81, 614, 1739), pelo Lecionário I 1178, por versões antigas como a *Vetus Latina* (vários manuscritos), vulgata, copta (saídica, boaírica e mégio-egípcia), armênia, etíope, além de Hipólito, Atanásio, Cirilo e Speculum, simplesmente omite o pronome relativo.

De fato, a presença de ὄν dificulta a tradução da passagem. Roger Omanson, citando Barrett (1817), afirma que a linguagem desse versículo “é tão difícil que resiste a qualquer tentativa de tradução”.³ Conforme Omanson, caso o pronome relativo ὄν seja omitido, o texto flui normalmente e pode ser traduzido da seguinte forma: “Ele (Deus) enviou a palavra aos filhos de Israel, pregando paz por meio de Jesus Cristo”. Porém, a adição do pronome relativo faz com que ele se torne o objeto direto do verbo ἀπέστειλεν (*apesteilen*, “enviou”). Assim, as palavras τὸν λόγον ficam “como que soltas no ar, sem conexão gramatical precisa”.⁴

Uma dificuldade para a escolha é o fato de existirem explicações paleográficas tanto para a adição como para a ausência do pronome relativo.⁵ A presença de ὄν poderia ser um acréscimo ao texto devido a um erro no processo de cópia, quando um copista teria escrito duas vezes as últimas letras da palavra anterior, λόγον (*logon*). Ao mesmo tempo, sua ausência também poderia ser entendida como um erro causado por um copista ao “saltar” o final da palavra λόγον para o final de ὄν, omitindo acidentalmente o pronome relativo.⁶ Os editores de *O Novo Testamento Grego* optaram por seguir a leitura mais difícil e classificaram a variante com um grau de incerteza relativamente alto {C}.⁷

Caso se opte pela leitura de *O Novo Testamento Grego*, a expressão οὗτός ἐστιν πάντων κύριος (*autos estin pantôn kyrios*, “Ele é Senhor de todos”) deve ser entendida como um comentário parentético no final do verso 36.

³OMANSON, Roger L.; SCHOLZ, Vilson. *Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento grego”*. Barueri: SBB, 2010. p. 224.

⁴OMANSON, 2010, p. 224.

⁵METZGER, Bruce M. *A Textual Comentary on the Greek New Testament*. London: United Biblical Societies, 1971. p. 379.

⁶OMANSON, 2010, p. 244.

⁷ALAND, 2012, p. 382.

Também é válido destacar que tanto a NVI como a NTLH antecipam o verbo οἶδατε (*oidate*) do verso 37. Neste caso, a tradução fica: “Vocês conhecem a mensagem que Deus mandou ao povo de Israel, anunciando a boa notícia de paz por meio de Jesus Cristo”.⁸

Neste estudo, optou-se por seguir a leitura de *O Novo Testamento Grego* sem, contudo, adiantar o verbo οἶδατε.

O verso 37 apresenta as seguintes variantes:⁹

ἀρξάμενος **ⲛ** B C E Ψ 181 1739 160 1883 11154 11178 1356 it^{ar, c, gis}
 esl Hilário Faustino Ambrósio //
 ἀρξάμενος γάρ P⁷⁴ A D it^{d, dem, c, l, p, fi, ro, sin, t, w} vg sir^{pal} Irineu^{lat} //
 ἀρξάμενον P⁴⁵ 33 36 81 307 453 610 614 945 1175 1409 1678 1891
 2344 Biz [L P] Lcc Ps-Atanásio Didimo^{duv} Crisóstomo.

A primeira leitura traz o particípio aoristo ἀρξάμενος (*arxamemos*, “começando”). Ela é atestada pelos Unciais Sinaítico (**ⲛ**), Vaticano (B), entre outros (C, E, Ψ), por alguns Minúsculos (181, 1739), por alguns lecionários (l 60, l 883, l 1154, l 1178, l 1356), por versões antigas como a *Vetus Latina* (alguns manuscritos), eslava, além de Hilário, Faustino e Ambrósio.

A segunda leitura acrescenta o termo γάρ (*gar*, “pois”) e encontra-se no Pergaminho 74, nos Unciais Alexandrino (A) e D, em algumas versões antigas como a *Vetus Latina* (em maior número de manuscritos), vulgata, siríaca (palestina), além de Irineu.

A terceira leitura traz ἀρξάμενον (*arxamenon*), mudando o caso gramatical do particípio do nominativo para o acusativo. Ela está presente no Pergaminho 45, em um grande número de Minúsculos (33, 36, 81, 307, 453, 610, 614, 945, 1175, 1409, 1678, 1891, 2344), em manuscritos da tradição bizantina (L, P), na maior parte dos lecionários, além de Pseudo-Atanásio, Didimo (citação duvidosa) e Crisóstomo.

Com relação às variantes do verso 37, Omanson afirma que “as variantes não têm maior importância para a tradução, pois são meras tentativas de aprimorar uma construção gramatical complicada”. Ele explica que não há nada no texto com o qual a forma ἀρξάμενος possa concordar em termos gramaticais e, portanto, copistas teriam tentado introduzir “retoques estilísticos”, acrescentando a palavra γάρ (“pois”), ou modificando o caso gramatical para que houvesse concordância

⁸OMANSON, 2010, p. 244.

⁹ALAND, 2012, p. 382.

com o substantivo ῥῆμα (*rhêma*, “coisa”).¹⁰ No estudo, optou-se por seguir a leitura indicada pelos editores de *O Novo Testamento Grego*.

Finalmente, o verso 40 traz as seguintes variantes:¹¹

ἐν τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ **Ⲙ** C l 1977 //
 τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ P^{74,2} A B D² E Ψ 33 36 81 181 307 463 610 614
 945 1175 1409 1678 1739 1891 2344 Biz [L P] *Lec* it^{ar, c. dem. e. ggig. p. fi. ro. w}
 vg Irineu^{lat} Dídimo^{duv} Crisóstomo //
 μετὰ τὴν τρίτην ἡμέραν D^{*} it^{d, 1, t}

A primeira leitura traz ἐν τρίτῃ ἡμέρᾳ (*en tritê hêméra*) e tem apoio nos Unciais Sinaítico (**Ⲙ**, leitura original) e Efraimita (C), além do lecionário l 1977.

A segunda leitura é semelhante à primeira, mas com a omissão de ἐν (*en*) e tem apoio no Pergaminho 74, nos Unciais Sinaítico (**Ⲙ**, segunda correção), Alexandrino (A), Vaticano (B), D (segunda correção), entre outros (E, Ψ), em vários Minúsculos (33, 36, 81, 181, 307, 463, 610, 614, 945, 1175, 1409, 1678, 1739, 1891, 2344) nos manuscritos da tradição bizantina (L, P), na maior parte dos lecionários, em algumas versões antigas como a *Vetus Latina* (diversos manuscritos), a vulgata, além de Irineu, Dídimo (citação duvidosa) e Crisóstomo.

Há ainda uma terceira leitura, com pouco apoio nos manuscritos, que traz a expressão μετὰ τὴν τρίτην ἡμέραν (*meta tēn tritēn hēmeran*). Essa última, que se encontra presente apenas no Uncial D (leitura original) e em alguns manuscritos da *Vetus Latina*, possivelmente surgiu como uma tentativa de harmonizar a expressão com outras passagens como Mt 27.63, ou como uma expressão idiossincrática do códice de Beza.¹²

Os editores de *O Novo Testamento Grego* optaram pela primeira leitura, embora a classifiquem com um grau de incerteza relativamente alto {C}.¹³ Uma explicação para a existência da segunda leitura é a possibilidade do copista ter omitido a preposição ἐν acidentalmente após o verbo ἠγειρεν (*êgíren*, “ressuscitou”). Contudo, também é possível que ἐν tenha entrado no texto acidentalmente pela repetição das duas últimas letras de ἠγειρεν. A existência de explicações tanto para a ausência como para a presença de ἐν faz com que o grau de incerteza quanto à leitura original seja mais elevado. Ainda assim, conforme Omandson, “se a preposição é original ou não, o significado do texto não muda”.¹⁴

¹⁰ OMANSON, 2010, p. 244.

¹¹ ALAND, 2012, p. 382.

¹² METZGER, 1971, p. 380.

¹³ ALAND, 2012, p. 382.

¹⁴ OMANSON, 2010, p. 245.

1.4 Tradução

O texto de Atos 10.34-43, conforme a 4ª edição de *O Novo Testamento Grego*, encontra-se transcrito a seguir:¹⁵

³⁴ Ἀνοίξας δὲ Πέτρος τὸ στόμα εἶπεν, Ἐπ' ἀληθείας καταλαμβάνομαι ὅτι οὐκ ἔστιν προσωπολήμπτης ὁ Θεός,

³⁵ ἀλλ' ἐν παντὶ ἔθνει ὁ φοβούμενος αὐτὸν καὶ ἐργαζόμενος δικαιοσύνην δεκτὸς αὐτῷ ἔστιν.

³⁶ τὸν λόγον [ὄν] ἀπέστειλεν τοῖς υἱοῖς Ἰσραὴλ εὐαγγελιζόμενος εἰρήνην διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ, οὗτός ἐστιν πάντων κύριος,

³⁷ ἡμεῖς οἶδατε τὸ γενόμενον ῥήμα καθ' ὅλης τῆς Ἰουδαίας, ἀρξάμενος ἀπὸ τῆς Γαλιλαίας μετὰ τὸ βάπτισμα ὃ ἐκήρυξεν Ἰωάννης,

³⁸ Ἰησοῦν τὸν ἀπὸ Ναζαρέθ, ὃς ἔχρισεν αὐτὸν ὁ Θεὸς πνεύματι ἁγίῳ καὶ δυνάμει, ὃς διήλθεν εὐεργετῶν καὶ ἰώμενος πάντας τοὺς καταδυναστευομένους ὑπὸ τοῦ διαβόλου, ὅτι ὁ Θεὸς ἦν μετ' αὐτοῦ.

³⁹ καὶ ἡμεῖς μάρτυρες πάντων ὧν ἐποίησεν ἔν τε τῇ χώρα τῶν Ἰουδαίων καὶ [ἐν] Ἱερουσαλήμ. ὄν καὶ ἀνείλαν κρεμάσαντες ἐπὶ ξύλου,

⁴⁰ τοῦτον ὁ Θεὸς ἤγειρεν [ἐν] τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ καὶ ἔδωκεν αὐτὸν ἐμφανῆ γενέσθαι,

⁴¹ οὐ παντὶ τῷ λαῷ, ἀλλὰ μάρτυσιν τοῖς προκεχειροτονημένοις ὑπὸ τοῦ Θεοῦ, ἡμῖν, οἵτινες συνεφάγομεν καὶ συνεπίομεν αὐτῷ μετὰ τὸ ἀναστήναι αὐτὸν ἐκ νεκρῶν·

⁴² καὶ παρήγγειλεν ἡμῖν κηρύξαι τῷ λαῷ καὶ διαμαρτύρασθαι ὅτι αὐτός ἐστιν ὁ ὠρισμένος ὑπὸ τοῦ Θεοῦ κριτὴς ζώντων καὶ νεκρῶν.

⁴³ τούτῳ πάντες οἱ προφήται μαρτυροῦσιν ἄφεισιν ἁμαρτιῶν λαβεῖν διὰ τοῦ ὀνόματος αὐτοῦ πάντα τὸν πιστεύοντα εἰς αὐτόν.

Tradução: ³⁴ Então, abrindo a boca, Pedro disse: em verdade percebo que Deus não é parcial. ³⁵ Mas, em cada etnia, o que teme a ele e que faz justiça é aprovado por ele. ³⁶ A palavra a qual enviou aos filhos de Israel, proclamando a paz através de Jesus Cristo (ele é Senhor de todos). ³⁷ Vós vedes o que aconteceu por toda a Judeia, começando desde a Galileia, depois do batismo o qual anunciou João. ³⁸ Jesus o Nazareno, como Deus ungiu a ele com Espírito Santo e com poder, o qual atravessou

¹⁵ As análises léxicas para as traduções deste e dos demais textos foram realizadas, mas por razões de espaço não serão incluídas neste artigo.

fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo diabo, pois Deus era com Ele.³⁹ E nós [somos] testemunhas de todos [os atos] os quais fez, tanto na terra da Judeia e em Jerusalém, a quem também [eles] mataram pendurando em cima do madeiro.⁴⁰ A ele Deus despertou no terceiro dia e a ele tornou manifesto.⁴¹ Não a todo o povo, mas a testemunhas previamente escolhidas por Deus, a nós os que comemos e bebemos com ele depois de o levantar a ele da morte.⁴² E ordenou a nós proclamar ao povo e declarar [solene e energicamente] que o mesmo é designado por Deus juiz dos que vivem e de mortos.⁴³ A este todos os profetas testemunham perdão dos pecados receber através do nome dele todo o que crê nele.

2. O CONTEXTO

Na sequência, será feita a análise do contexto histórico e cultural do livro de Atos, bem como a análise do contexto literário do trecho de 10.34-43. Ambas têm o objetivo de permitir uma melhor compreensão da passagem que está sendo estudada.

2.1 Contexto histórico e cultural

Conforme o relato de Lucas,¹⁶ o discurso de Pedro ocorreu em Cesareia, na casa de um centurião chamado Cornélio (At 10.1,24). Pedro, que antes se encontrava em Jope (At 9.43), havia acompanhado os servos de Cornélio até sua casa, em uma viagem que durou em torno de dois dias (At 10.9,24,30). A cidade de Cesareia estava localizada na costa do Mar Mediterrâneo, a uma distância de aproximadamente cem quilômetros a noroeste de Jerusalém. Na época, era a sede do governo romano sobre a Judeia e ali se encontrava uma poderosa força militar.¹⁷ Herodes havia transformado a cidade no principal porto da Palestina e cerca de um terço de sua população era grega.¹⁸

Os centuriões, dentre eles Cornélio, normalmente comandavam cem homens. Eles eram conhecidos pela liderança, coragem e lealdade, e representavam “a espinha dorsal do exército romano”.¹⁹ Sua posição era equivalente à de um sargento nas categorias militares modernas. O regimento italiano, citado em At 10.1, era um corpo de tropas originalmente recrutadas na Itália. Como não havia legiões romanas na Judeia, mas apenas as chamadas “forças auxiliares”, o regimento italiano deve ter pertencido

¹⁶ Entende-se que a autoria do texto tenha sido de Lucas, médico e companheiro do apóstolo Paulo em suas viagens missionárias. Com relação a essa questão, indica-se a leitura de Mauerhofer (2010, p. 271-279).

¹⁷ PIERSON, Paul E. *Atos que contam*: fatos que marcaram a igreja. Londrina: Descoberta, 2000. p. 100.

¹⁸ DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 1986. p. 34.

¹⁹ PIERSON, 2000, p. 100.

a estas, fazendo os serviços de guarnição.²⁰ É interessante notar que os centuriões normalmente aparecem de forma favorável quando citados no Novo Testamento (Mt 8.5, Lc 7.2, 23.47, At 10.1, 22.25, 27.1).²¹

Na época, o nome Cornélio era muito comum, pois havia sido dado a milhares de escravos que receberam a liberdade por meio de Publius Cornelius Sulla em 82 a.C.²² Sobre a relação do centurião Cornélio com o judaísmo, Pierson acredita que ele fora atraído pela tradição judaica. É provável que ele frequentasse uma sinagoga e vivesse pelo elevado padrão judaico, orando ao Deus de Israel. Contudo, Cornélio possivelmente era bloqueado pela linha crucial que dividia judeus e gentios, não aceitando a circuncisão e a Lei.²³ Em At 11.3 fica claro que Cornélio não havia se submetido à circuncisão, embora sua reverência estivesse longe de ser nominal, conforme demonstram as esmolas que ele dava aos pobres e suas orações frequentes.²⁴ Turner escreve o seguinte sobre Cornélio:

O capitão era um homem piedoso e temente a Deus com toda a sua casa, o qual fazia muitas esmolas ao povo e de contínuo orava a Deus. Isto quer dizer que era um prosélito, um gentio convertido ao judaísmo, havendo deixado a adoração dos ídolos pelo serviço ao Deus vivo e verdadeiro. Não só tinha deixado a idolatria, mas também mudou de costumes. Em lugar de desprezar os pobres e necessitados, agora os ajudava. Tudo isto nos dá a entender que era um prosélito sincero, obedecendo à crença que tinha, a qual era o judaísmo.²⁵

Os judeus que haviam sido dispersos na diáspora não hesitavam em partilhar a mensagem do Deus de Israel, mesmo com os pagãos. É possível que tenha havido muitas conversões ao judaísmo e mesmo um número de “meias conversões”, nas quais o prosélito concordava com alguns dos princípios espirituais de Israel, embora não com todos. Esse parece ter sido o caso do centurião Cornélio.²⁶ Entretanto, é necessário lembrar que “Deus fizera uma nova revelação ao mundo, e o fato de ser judeu não era suficiente para o homem que queria cumprir a vontade de Deus”.²⁷

²⁰ MARSHALL, 2001, p. 175-176.

²¹ ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word Pictures in the New Testament: the Acts of the Apostles*. Nashville: Broadman Press, 1930. v. III, p. 133.

²² MARSHALL, 2001, p. 175.

²³ PIERSON, 2000, p. 100.

²⁴ MARSHALL, I. Howard. *Atos dos apóstolos: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 176. (Série Cultura Bíblica).

²⁵ TURNER, D. D. *Exposição de Os atos dos apóstolos*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1989. p. 138.

²⁶ DANIEL-ROPS, 1986, p. 38.

²⁷ TURNER, 1989, p. 138.

Fica claro nos capítulos 10 e 11 do livro de Atos que a aceitação de gentios incircuncisos na igreja havia se tornado uma questão muito polêmica para os judeus cristãos. Stagg afirma que alguns chegaram ao ponto de se excluir da comunidade cristã em virtude disso.²⁸ De fato, os judeus possuíam traços distintivos muito fortes, tanto de natureza cultural quanto religiosa e, portanto, tinham muita dificuldade em se misturar com outros povos.²⁹

Logo após a ressurreição, os discípulos ainda estavam sob a forte influência do etnocentrismo judaico. Embora tivessem ouvido todos os ensinamentos de Jesus, eles ainda pensavam em termos limitados, acreditando que a missão de Jesus era “restaurar o reino de Israel”. Sobre o pensamento dos apóstolos, Pierson escreve: “Acreditavam que a preocupação primária de Deus era o seu próprio povo. Se outros deveriam compartilhar as bênçãos divinas, deveria ser em um sentido secundário”.³⁰ Por essa razão, o sermão de Pedro na casa de Cornélio representou, sem dúvida alguma, “um marco divisório na Igreja Primitiva”.³¹ Uma grande barreira estava sendo vencida pela atuação incontestável do Espírito Santo.

Marshall destaca que o livro de Atos reflete muito claramente as tensões que existiam na igreja primitiva com relação à base da missão gentia e também como o avanço do Evangelho alcançando novos povos representava o cumprimento da vontade soberana de Deus. Ele escreve:

Atos reflete as tremendas tensões que existiam na igreja primitiva no que diz respeito à base da missão gentia. Embora os Evangelhos registrem a comissão dada por Jesus, no sentido de seus discípulos levarem o evangelho a todas as nações, a igreja era originalmente composta de judeus, e entre os judeus levava a efeito a evangelização. [...] Dentro de poucos anos, porém, a igreja acabou pregando o evangelho aos samaritanos, aos tementes a Deus que não eram circuncidados, e, finalmente, aos gentios pagãos. Lucas considera que esta progressão foi a vontade de Deus.³²

A conversão de Cornélio, assim como a de Paulo, teve grande impacto para a igreja primitiva. Ambas foram “inacreditáveis e chocantes”. No primeiro caso, alguém com quem os crentes judeus e não judeus não poderiam se associar foi aceito na família da fé; no outro, um fanático inimigo do cristianismo tornou-se um discípulo. Conforme

²⁸ STAGG, Frank. *O livro de Atos dos apóstolos*. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p. 25.

²⁹ COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Venda Nova: Betânia, 1991. p. 217.

³⁰ PIERSON, 2000, p. 12.

³¹ HORTON, Stanley M. *O livro de Atos*. Miami: Vida, 1983. p. 116.

³² MARSHALL, 2001, p. 27.

Pierson, em ambas as situações “a maior de todas as barreiras que separava a igreja de sua missão para o mundo foi esmagada por um ato soberano de Deus”.³³ O acontecimento quebrou paradigmas tão fortes na igreja primitiva que foi necessário que Pedro desse explicações à igreja ao retornar para Jerusalém (At 11.1-18).

2.2 Contexto literário

O texto de Atos constitui um exemplo excelente de historiografia helenística.³⁴ Embora o documento também tenha uma finalidade teológica, trata-se de um registro histórico que mostra a continuação dos atos poderosos de Deus.³⁵ Nesse sentido, o relato da conversão de Cornélio, presente no capítulo 10, é de grande relevância, pois constitui um ato da parte do próprio Deus ao usar o apóstolo Pedro, o líder da missão entre os judeus, para que a mensagem a respeito de Jesus pudesse alcançar também os gentios.³⁶

Quase a totalidade do livro de Atos, assim como cerca de quarenta por cento do Antigo Testamento e grande porção dos evangelhos, é composta por narrativas.³⁷ Estas podem ser classificadas em três níveis:

- a) Nível superior - representa o plano universal de Deus;
- b) Nível intermediário - centraliza-se no povo de Deus e suas diferentes fases ao longo da história;
- c) Nível inferior - são as centenas de narrativas individuais que perfazem os outros dois níveis.³⁸

Para que se possa encontrar o sentido pleno de uma narrativa de nível inferior, é necessário compreender como ela se enquadra dentro do seu contexto maior.³⁹ Nesse estudo, a narrativa do encontro entre o apóstolo Pedro e Cornélio classifica-se como uma narrativa de nível inferior, enquanto o livro de Atos, como um todo, constitui uma narrativa de nível intermediário, pois mostra a expansão do Evangelho nos primeiros anos da igreja.

O esboço do livro de Atos pode mostrar com mais clareza a forma progressiva como o Evangelho se expandiu, a partir de Jerusalém, até alcançar os limites do mundo conhecido da época. Marshall, ao desenvolver seu estudo sobre Atos, divide o livro da seguinte forma:

³³ PIERSON, 2000, p. 99.

³⁴ FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês?* 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 81.

³⁵ MARSHALL, 2001, p. 21.

³⁶ FEE; STUART, 1997, p. 84.

³⁷ FEE; STUART, 1997, p. 63.

³⁸ FEE; STUART, 1997, p. 64-65.

³⁹ FEE; STUART, 1997, p. 66.

- a) O começo da igreja (1.1 a 2.47);
- b) A igreja e as autoridades judaicas (3.1 a 5.42);
- c) A igreja começa a expandir-se (6.1 a 9.31);
- d) O começo da missão aos gentios (9.32 a 12.25);
- e) A missão à Ásia Menor e suas consequências (13.1 a 15.35);
- f) A campanha missionária de Paulo na Macedônia e na Acaia (15.36 a 18.17);
- g) A campanha missionária de Paulo na Ásia (18.28 a 20.38);
- h) Paulo é capturado e encarcerado (21.1 a 28.31).⁴⁰

Por meio desta divisão, percebe-se que o texto estudado encontra-se situado no relato do começo da missão aos gentios. De fato, o enfoque na missão gentilícia aumenta progressivamente conforme o livro se desenvolve. Na opinião de Marshall, o propósito de Lucas foi justamente demonstrar como o surgimento da igreja e a extensão da salvação aos gentios cumpriram as profecias do Antigo Testamento e as promessas de Jesus.⁴¹

Esta busca pelo propósito do escritor é importante, pois constitui a chave para a compreensão da obra.⁴² Carter defende que o prefácio do Evangelho de Lucas (Lc 1.1-4) seja uma declaração do propósito para sua obra, composta pelo Evangelho e pelo livro de Atos. Segundo ele, o propósito de Lucas era apresentar a Teófilo a história dos acontecimentos da igreja, desde os primórdios do cristianismo.⁴³ Contudo, Baxter tem uma opinião um pouco diferente e defende que o versículo-chave de Atos seja o verso 1.8: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra”.⁴⁴

Carlos Osvaldo Pinto, embora concorde com a importância de Atos 1.8, afirma que não há apenas um único propósito no livro, mas que este possui uma multiplicidade de propósitos. Ele defende que os propósitos de Lucas, ao escrever o livro de Atos, seriam os seguintes: a) Apologético, com o objetivo de defender o apostolado de Paulo; b) Teológico, buscando demonstrar como a mensagem do Reino passara de um fenômeno essencialmente judaico para gentio e c) Didático, buscando retratar de maneira sistemática e precisa os primeiros anos do cristianismo.

O autor acima referido resume esses três propósitos de Lucas na seguinte frase:

⁴⁰ MARSHALL, 2001, p. 51-53.

⁴¹ MARSHALL, 2001, p. 18.

⁴² STAGG, 1982, p. 18.

⁴³ CARTER, 1973, Introduction, seção III. Purpose.

⁴⁴ BAXTER, J. Sidlow. *Examinai as Escrituras: Atos a Apocalipse*. São Paulo: Vida Nova, 1989. p. 11.

“Validar a missão gentílica como a continuação legítima da mensagem do Reino segundo a promessa do poder do Rei”.⁴⁵

Stagg concorda com a ideia de que não haja um único propósito no livro de Atos e defende que a intenção do autor tenha sido elaborar um registro histórico. Para ele, afirmar que há um único propósito no livro de Atos seria “simplificar por demais o assunto”.⁴⁶ Portanto, entende-se que seja melhor pensar em múltiplos propósitos para o livro que incluam os aspectos apologéticos, teológicos e didáticos, conforme foi visto anteriormente.

Cabe ainda destacar que o texto em questão narra um discurso. Guthrie afirma que os discursos constituem um tipo literário bastante presente no livro de Atos. Citando Bruce, defende que os discursos do livro de Atos podem ser divididos em quatro grupos: a) evangelísticos; b) deliberativos; c) apologéticos e d) exortatórios.⁴⁷ A partir dessa classificação, entende-se que o discurso do apóstolo Pedro na casa do centurião Cornélio classifica-se como um discurso evangelístico.

Na opinião de Horton, é possível que os discursos e sermões presentes no livro de Atos sejam um resumo daqueles que foram realmente proferidos. Contudo, isso não deve levar o leitor a pensar que os registros não sejam fiéis ao que foi realmente pregado, ou que sejam frutos de uma construção tardia. Horton escreve: “É claro, entretanto, que esses discursos refletem o estilo e as ênfases dos apóstolos, bem como suas reais palavras”.⁴⁸

Uma comparação entre as pregações do apóstolo Pedro presentes no livro de Atos permite observar que suas quatro primeiras pregações cobriram substancialmente os mesmos temas. Embora haja pequenas diferenças entre elas, é possível se ter uma visão clara da mensagem apostólica que inclui, como pontos principais: a) o fato de que Jesus, por meio de seu ministério, morte e ressurreição, cumpriu as profecias do AT; b) em virtude da ressurreição, Jesus foi exaltado à direita de Deus; c) o Espírito Santo na igreja é o sinal da presença do poder e da glória de Cristo e d) a era messiânica terá sua consumação com o retorno de Cristo.⁴⁹

⁴⁵ PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e desenvolvimento no Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 188-190.

⁴⁶ STAGG, 1982, p. 28.

⁴⁷ BRUCE apud GUTHRIE, Donald. *New Testament Introduction*. Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1970. p. 360.

⁴⁸ HORTON, 1983, p. 10. Com relação à historicidade dos discursos registrados no livro de Atos, sugere-se a leitura de Guthrie (1970, p. 359-363). Em síntese, aceita-se que os discursos registrados no livro possam constituir um resumo inspirado daquilo que foi efetivamente proferido.

⁴⁹ DODD, C. H. *The apostolic preaching and its developments*. New York: Harper & Row Publishers, 1964. p. 21-23.

Em suma, no livro de Atos é descrita a ação do Espírito Santo nas primeiras igrejas e na expansão do Evangelho. Por isso, o livro também já foi chamado de “Atos do Espírito Santo”.⁵⁰ Evidencia-se “que o Espírito Santo faz a história e que a história eclesial original é resultado da ação redentora de Deus”.⁵¹ Também, conforme Turner, o livro de Atos mostra que é responsabilidade da igreja “dar a cada criatura o conhecimento do Evangelho e a oportunidade de crer em Cristo para o perdão de seus pecados”.⁵²

3. ANÁLISE

O apóstolo Pedro chega à casa de Cornélio, onde este o aguarda ansiosamente com seus parentes e amigos mais íntimos (10.23-24). Com a chegada de Pedro, Cornélio prostra-se diante dele, mas o apóstolo imediatamente o faz levantar. Ambos mantêm um diálogo no qual Pedro relata como Deus o havia feito entender que não deveria chamar impuro ou imundo a homem nenhum (10.28). Cornélio, da mesma forma, relata ao apóstolo a visão que tivera e diz que todos estavam prontos para ouvir a mensagem de Deus. Pedro inicia seu discurso que, conforme Carter, pode ser sintetizado em três pontos principais: a) a imparcialidade de Deus (v. 34 e 35); b) o senhorio universal de Jesus Cristo (v. 36 a 41) e c) o caminho da salvação (v. 42 e 43).⁵³

O versículo 34 registra o início do discurso do apóstolo Pedro com a expressão *ἄνοιξας δὲ Πέτρος τὸ στόμα εἶπεν* (*anoiças de petros to stoma eipen*), literalmente “então, abrindo a boca, Pedro disse” (10.34). A primeira afirmação de Pedro, ainda em 10.34, foi *ἔπ’ ἀληθείας καταλαμβάνομαι ὅτι οὐκ ἔστιν προσωπολήπτης ὁ Θεός* (*ep alētheias katalambanomai hoti ouk estin prosōpolēptēs ho theos*), que significa “em verdade percebo que Deus não é parcial”. A palavra *προσωπολήπτης* (*prosōpolēptēs*), aqui traduzida por “parcial”, significa literalmente “receber de acordo com a face”. A intenção do apóstolo Pedro é dizer que Deus não tem favoritos, mas se preocupa igualmente com todos os que o temem e fazem o que é certo.⁵⁴

Trata-se da única ocorrência de *προσωπολήπτης* (*prosōpolēptēs*) no NT e,

⁵⁰ GUTHRIE, s.d. apud MAUERHOFER, Erich. *Uma introdução aos escritos do Novo Testamento*. São Paulo: Vida, 2010. p. 269.

⁵¹ MAUERHOFER, 2010, p. 279.

⁵² TURNER, 1989, p. 11.

⁵³ CARTER, Charles W.; EARLE, Ralph. *The Acts of the Apostles*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1973. p. 145-147.

⁵⁴ SMITH. In: ALLEN, Clifton J. *Comentário bíblico Broadman: Novo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1984. v. 10, p. 88.

conforme Bruce, da ocorrência mais antiga conhecida na literatura grega.⁵⁵ Robertson explica que o termo ocorre apenas nesta passagem bíblica e em Crisóstomo. Trata-se de uma palavra composta por *πρόσωπον* (*prosōpon*), que significa “face” ou “pessoa” e o verbo *λαμβάνω* (*lambanō*), que significa “tomar” ou “receber”. Sua forma abstrata *προσωποληψία* (*prosōpolēpsia*) ocorre em Tg 2.1 (também em Rm 2.11, Ef 6.9 e Cl 3.25) e o verbo *προσωποληπτέω* em Tg 2.9. A frase separada (*λαμβάνεις πρόσωπον*, *lambaneis prosōpon*) ocorre em Lc 20.21 e Gl 2.6 e também era usada na LXX. Lucas possivelmente tenha combinado as duas palavras em uma palavra composta.⁵⁶ Na LXX, a expressão foi utilizada como algo proibido aos juízes, pois estes não podiam perverter a justiça, discriminando a favor do rico ou do pobre.⁵⁷

Não se deve pensar que a imparcialidade de Deus fosse um conceito totalmente novo para o apóstolo, pois ela havia sido ensinada em passagens do Antigo Testamento (Dt 32.4, 2Cr 19.7, Sl 92.15, entre outras). Horton esclarece que “não significa que Deus não possa fazer uma escolha, mas que ele não baseia sua escolha, ou a limita, nas diferenças nacionais ou externas”.⁵⁸ É fato que Deus escolheu o povo de Israel entre todas as nações. Entretanto, seu propósito sempre foi o de abençoar “todas as famílias da terra” e isso se cumpre por meio da mensagem do Evangelho de Jesus Cristo.⁵⁹

Na sequência, no versículo 35, Pedro reconhece que Deus aceita aqueles que o temem e praticam a justiça.⁶⁰ No texto, utiliza-se o termo *δεκτός αὐτῷ* (*dektos autō*), que pode ser traduzido como “aceito por ele” e que, conforme Robertson, é um adjetivo verbal de *δέχομαι* (*dechomai*, “pegar”, “receber”, “aceitar” ou “acolher”). A ideia é que os gentios não precisam se tornar judeus para se tornarem cristãos. É possível que o apóstolo Pedro não tivesse percebido este fato antes e que agora isso representasse uma revolução em sua perspectiva.⁶¹ Mesmo assim, não se deve pensar que a retidão de Cornélio fosse suficiente a ponto de ele não precisar se tornar cristão, mas que sua nacionalidade não seria um impedimento para que ele fosse aceito por Deus. Conforme Stott, “Deus não é indiferente às religiões, ele é indiferente à nacionalidade”.⁶²

⁵⁵ BRUCE, F. F. *The Acts of the Apostles*. Grand Rapids: Grand Rapids Book Manufacturers, 1973. p. 224.

⁵⁶ ROBERTSON, 1930, p. 143.

⁵⁷ STOTT, John R. W. *A mensagem de Atos: até os confins da terra*. São Paulo: ABU, 1994. p. 212. (A Bíblia fala hoje).

⁵⁸ HORTON, 1983, p. 116.

⁵⁹ O propósito divino de abençoar todas as nações fica claro mesmo no chamado de Abraão, quando Deus lhe disse: “[...] em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.3).

⁶⁰ MARSHALL, 2001, p. 181.

⁶¹ ROBERTSON, 1930, p. 143-144.

⁶² STOTT, 1994, p. 212.

É importante, portanto, destacar que o texto não indica necessariamente que a salvação seja possível à parte da expiação operada por Cristo (o que ficará mais claro na análise dos versículos posteriores, especialmente do versículo 43). Marshall também aborda essa questão ao escrever:

Não se quer dizer com isso que a salvação é possível à parte da expiação operada por Jesus Cristo, mas, sim, que com base na Sua morte e ressurreição o evangelho é oferecido a todas as pessoas que se dispõem a aceitá-lo e as quais reconhecem que dele têm necessidade [...] Uma vida virtuosa somente é aceitável aos olhos de Deus quando leva ao reconhecimento de sua própria insuficiência e à aceitação do evangelho (ou quando teria assim feito, se tivesse havido oportunidade de ouvir o evangelho).⁶³

Marshall aparentemente deixa uma “janela aberta” àqueles que não ouviram o Evangelho, mas que o teriam aceito caso tivessem a oportunidade de ouvi-lo. Sua posição pode ser classificada como inclusivista, pois ele defende a necessidade da obra redentora de Cristo para a expiação dos pecados.

Na sequência, os versos 36 a 43 resumem brevemente a mensagem apostólica. Dodd observa que a expressão “a palavra a qual enviou aos filhos de Israel, proclamando a paz através de Jesus Cristo” forma um cabeçalho resumido do todo.⁶⁴ Nessa ocasião, o discurso de Pedro contém mais informações sobre a vida e obra de Jesus antes da crucificação do que seus sermões anteriores, possivelmente devido ao fato de sua audiência ser formada por gentios.⁶⁵

O versículo 36 inicia com uma expressão de difícil tradução devido à presença, em alguns dos manuscritos, do pronome relativo ὃν (*hon*). Smith reconhece a dificuldade de tradução do texto e escreve: “Com a exceção dos primeiros dois versículos do discurso do apóstolo Pedro, que são notas introdutórias, o grego é extremamente difícil de traduzir-se de forma que dê bom sentido”.⁶⁶ Ainda assim, fica claro no verso 36 que “a palavra” (τὸν λόγον, *ton logon*), embora tenha sido enviada inicialmente aos “filhos de Israel”, visava à humanidade inteira, pois, conforme o apóstolo Pedro acrescenta num parêntese enfático, “Ele [Jesus Cristo] é Senhor de todos”.⁶⁷

Bruce também defende que a expressão “Ele é Senhor de todos” é parentética

⁶³ MARSHALL, 2001, p. 182.

⁶⁴ DODD, 1964, p. 28.

⁶⁵ BRUCE, 1973, p. 224.

⁶⁶ SMITH. In: ALLEN, 1984, p. 87.

⁶⁷ MARSHALL, 2001, p. 184.

e afirma que a construção mostra sinais de uma tradução do aramaico.⁶⁸ Segundo ele, “Pedro sem dúvida dirigiu-se à sua audiência em grego, ou falou através de um intérprete, mas a narrativa possivelmente tenha sido preservada em um documento aramaico. O texto grego certamente não é uma composição livre de Lucas, se fosse o caso, seria muito mais claro”.⁶⁹ Essa afirmação de Bruce representa uma tentativa de explicar a dificuldade na construção do texto, embora não haja evidências historiográficas concretas de que o discurso original tenha sido realmente preservado apenas em aramaico e somente posteriormente traduzido para o grego.

Ainda com relação ao verso 36, a expressão *εὐαγγελιζόμενος εἰρήνην διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ* (*euangelizomenos eipênêndia Iêsou Christou*), literalmente “evangelizando a paz por meio de Jesus Cristo”, traz a ideia de que não há outra forma de haver paz real entre indivíduos e Deus, entre raças e nações, a não ser por meio de Jesus Cristo. Essa ideia relaciona-se com o texto de Ef 2.17, no qual o apóstolo Paulo afirma que, na cruz, Jesus “evangelizou” paz aos que estavam longe e aos que estavam perto. Segundo Robertson, *οὗτός ἐστιν πάντων κύριος* (*outos estin pantôn kurios*), “Ele é Senhor de todos”, é uma expressão “triumfante” que Pedro traz como a razão desta nova verdade. Jesus é Senhor de todos, judeus e gentios.⁷⁰

Já é possível perceber que o apóstolo Pedro vai além da afirmação de que Deus não faz acepção de pessoas, mas também deixa claro que Deus enviou sua Palavra como revelação ao mundo e que foi por meio de Jesus Cristo que a mensagem da paz foi anunciada. Turner escreve:

Não é suficiente, entretanto, saber que há um só Deus, criador de tudo quanto existe. Nem é suficiente saber que Ele não faz acepção de pessoas, e que à Sua vista todos são iguais no que se refere à sua nacionalidade, raça ou idioma. Pedro explicou que este Deus se tem revelado por meio da Sua Palavra. [...] Não é possível falar da Revelação de Deus e do Evangelho da paz sem mencionar o nome de Jesus Cristo, porque sem Ele não há Evangelho nem paz.⁷¹

Prosseguindo, no verso 37 encontra-se a expressão *ὑμεῖς οἴδατε* (*humeis oidate*, “vós vedes”) que é enfática no grego e significa que os ouvintes do apóstolo Pedro já conheciam alguns fatos acerca de Jesus. Horton acredita na possibilidade de Cornélio

⁶⁸ BRUCE, 1973, p. 225.

⁶⁹ BRUCE, 1973, p. 225. “Peter no doubt addressed his audience in Gk., or spoke through an interpreter, but the narrative was possibly preserved in an Aram. document. The Greek is certainly not Luke’s free composition; if it were, it would be much clearer”.

⁷⁰ ROBERTSON, 1930, p. 144.

⁷¹ TURNER, 1989, p. 144-145.

e seus convidados terem ouvido Filipe pregar.⁷² De fato, a Bíblia também relata que Filipe, após o episódio com o eunuco da Etiópia, pregou o Evangelho em Cesareia (At 8.26-40). Entretanto, não há nenhum relato de que Filipe tenha tido um encontro com o centurião. Embora seja possível que Cornélio e seus convidados tivessem algum conhecimento a respeito de Jesus, certamente não o tinham de maneira suficiente para que pudessem crer para a remissão dos pecados.

Pedro iniciou seu discurso como se Cornélio já estivesse familiarizado com a história. Segundo Marshall, alguns autores defendem que Lucas encarava os da casa de Cornélio como já sendo convertidos antes de Pedro lhes falar. Contudo, o autor acredita que há pontos fracos nessa teoria, pois foi necessário que Pedro complementasse o escasso conhecimento de Cornélio e dos demais de maneira semelhante à encontrada em Atos 2.22 para que estes pudessem receber o Espírito Santo.⁷³ Quanto a isso, Smith também afirma: “Talvez Pedro quisesse dizer apenas que Cornélio pelo menos havia ouvido algo, de maneira genérica, acerca da fé cristã antes da sua chegada”.⁷⁴

Destaca-se ainda a diferença entre a palavra *ῥῆμα* (*rhêma*, presente no versículo 37) de *λόγος* (*logos*, presente no verso 36). Em alguns casos, *ῥῆμα* pode significar “fatos” ou “história” e, portanto, a frase poderia ser traduzida com a ideia de “o evento que aconteceu”.⁷⁵ No discurso em questão, a palavra refere-se aos fatos relacionados com o ministério terreno de Jesus. Conforme afirmado anteriormente, esse discurso do apóstolo Pedro diferencia-se dos demais registrados no livro de Atos, pois dá atenção à vida terrena de Jesus em vez de apresentar a história apenas a partir do ponto em que Ele foi rejeitado pelos líderes religiosos. Marshall escreve: “Talvez fosse apropriado incluir este aspecto num discurso dirigido a um não judeu que, segundo seria de se supor, saberia menos acerca de quem era Jesus do que os auditórios anteriores de Pedro em Jerusalém”.⁷⁶

O apóstolo mencionou acontecimentos recentes conhecidos pelos ouvintes, pois tinham sido públicos, e cuja data Pedro podia indicar com precisão. Conforme Stott, isso é importante porque “deixa claro que algum tipo de relato da vida e do caráter de Jesus era parte essencial da pregação da igreja primitiva, especialmente de sua evangelização inicial”.⁷⁷ Outro detalhe interessante é que a primeira mensagem de Pedro

⁷² HORTON, 1983, p. 116.

⁷³ MARSHALL, 2001, p. 183.

⁷⁴ SMITH. In: ALLEN, 1984, p. 88.

⁷⁵ CARTER, 1973, p. 146.

⁷⁶ MARSHALL, 2001, p. 182.

⁷⁷ STANTON apud STOTT, 1994, p. 3.

aos gentios corresponde às linhas gerais presentes no Evangelho de Marcos. Robertson apresenta uma explicação para isso ao afirmar que “Marcos ouviu Pedro pregar muitas vezes e evidentemente estruturou seu Evangelho (o Evangelho Romano) seguindo o mesmo modelo”.⁷⁸

No verso 38, o discurso prossegue com o relato dos feitos de Jesus. Aqui, as palavras Ἰησοῦν τὸν ἀπὸ Ναζαρέθ (*Iesoun ton apo Nazareth*, “Jesus o nazareno”) constituem o objeto lógico de ἔχρισεν (*echrisen*, “ungiu”). Elas estão posicionadas no início da sentença por razão de ênfase e seu sentido é capturado posteriormente na sentença pelo pronome αὐτόν (*auton*, “a ele”). A cláusula substantiva ὡς ἔχρισεν αὐτόν (*hōs echrisen auton*, “como [Deus] ungiu a ele”) é paralela a τὸ γενόμενον ῥῆμα (*to genomenon rhēma*, “o que aconteceu”) e ambas são subordinadas a οἴδατε (*oidate*, “[vós] vedes”).⁷⁹ A “unção” com o Espírito Santo e com poder que é citada no versículo 38 ocorreu na ocasião do batismo de Jesus.⁸⁰

O texto segue afirmando que Jesus “atravessou fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo diabo”. Vale lembrar que a palavra grega διαβόλος (*diabolos*) constitui o equivalente grego para a palavra hebraica “satanás”.⁸¹ Marshall explica que “a ideia aqui é que os milagres da cura libertavam as pessoas do poder do mal que era responsável pelos seus sofrimentos”.⁸² O participio presente ativo εὐεργετῶν (*euergetōn*, “fazendo o bem”) se encontra no versículo, é derivado do verbo εὐεργετέω (*eu*, “bem”; ἔργον, “trabalho”) e ocorre somente nessa passagem em todo o NT.⁸³ Marshall traz a seguinte explicação com relação ao termo:

O verbo fazendo o bem é interessante; o subs. correspondente, ‘benfeitor’ era empregado pelos soberanos daqueles tempos como descrição de si mesmos (Lc 22:25), de tal modo que Jesus está sendo implicitamente comparado com eles neste trecho, e revelado como o verdadeiro ajudador do povo [...] Digno de nota que tanto a pregação quanto as obras poderosas são encaradas como sendo a obra de Deus agindo por meio de Jesus como Seu representante.⁸⁴

No verso 39, a expressão ἡμεῖς μάρτυρες (*hēmeis martyres*, “nós [somos] testemunhas”) mostra uma mudança de foco no discurso de Pedro para os fatos que

⁷⁸ ROBERTSON, 1930, p. 144-145. “Mark heard Peter preach many times and evidently planned his Gospel (the Roman Gospel) on this same model”.

⁷⁹ BRUCE, 1973, p. 226.

⁸⁰ BRUCE, 1973, p. 226.

⁸¹ CARTER, 1973, p. 146.

⁸² MARSHALL, 2001, p. 184.

⁸³ ROBERTSON, 1930, p. 145.

⁸⁴ MARSHALL, 2001, p. 184.

ele e os demais apóstolos testemunharam. Isso inclui a crucificação e morte de Jesus, bem como sua ressurreição, que será afirmada no verso 40. Pedro se refere com frequência em seus sermões aos apóstolos como “testemunhas da ressurreição”.⁸⁵ A expressão “nós somos testemunhas” pode ainda ser contrastada com “vós vedes o que aconteceu” presente no verso 37. Inicialmente, Pedro apela para o que seus ouvintes já sabem e posteriormente para aquilo que os discípulos sabem.⁸⁶ Ainda sobre o verso 39, a expressão *κρεμάσαντες ἐπὶ ξύλου* (*kremasantes epi xylou*, “pendurando em cima do madeiro”) pode ser entendida como um eco de Dt 21.22-23 (também citado em At 5.30).⁸⁷ O apóstolo Pedro deixaria claro que Jesus levou sobre si a maldição que era destinada à humanidade pecadora.

No verso 40, Pedro fala a seus ouvintes acerca da ressurreição de Jesus. Destaca-se que a precedência de *τοῦτον* (“a ele”) constitui novamente um recurso enfático.⁸⁸ No caso, “a ele” refere-se ao Senhor Jesus, personagem central da mensagem que está sendo anunciada pelo apóstolo e o único que venceu definitivamente a morte. Sabe-se, conforme outros textos do NT (e. g. 1Co 15), que a ressurreição constitui um elemento fundamental da mensagem cristã e o apóstolo faz questão de mencioná-la e de defender sua veracidade ao pregar o Evangelho.

Com relação ao verso 41, a palavra *προκεχειροτονημένοις* (*prokecheirotônēmois*, “previamente escolhidos”) é o particípio perfeito passivo dativo plural de *προχειροτονέω* (*procheirotoneō*). Este, por sua vez, traz a ideia de escolher ou designar manualmente (*χειροτονέω*, *cheirotoneō*, *χείρ*, “mão”, e *τείνω*, “esticar”). Trata-se de uma expressão tão antiga quanto Platão, mas utilizada somente aqui no NT.⁸⁹ O termo indica que alguns dos discípulos foram previamente escolhidos por Deus para que fossem testemunhas da ressurreição. Com relação a eles, Marshall escreve:

As aparições pós-ressurreição não foram reveladas ao povo em geral. Parece que a razão era que aqueles que viram a Jesus foram constituídos como testemunhas diante das muitas pessoas que não conseguiram vê-lo, e esta obrigação não era imposta sobre os que eram indignos, mas, sim, somente sobre aqueles que, mediante longa associação com Jesus, e pela participação da Sua obra missionária, tinham sido preparados.⁹⁰

Ainda que haja dificuldade para se entender como Jesus poderia comer e beber

⁸⁵ MARSHALL, 2001, p. 185.

⁸⁶ ROBERTSON, 1930, p. 146.

⁸⁷ MARSHALL, 2001, p. 185.

⁸⁸ BRUCE, 1973, p. 226.

⁸⁹ ROBERTSON, 1930, p. 146.

⁹⁰ MARSHALL, 2001, p. 185.

após a ressurreição, Pedro deixa claro que não se trata de uma alucinação ou de um fantasma, mas que foi o próprio Jesus quem esteve com eles após a ressurreição.⁹¹ De fato, a expressão *συνεφάγομεν καὶ συνεπίομεν αὐτῷ* (*synephagomen kai synepiomen autô*), literalmente “comemos e bebemos com ele”, encontra-se entre as mais convincentes provas da ressurreição corporal de Jesus.⁹² A expressão ressalta a realidade da experiência vivida pelos apóstolos e que também se encontra relatada em outros textos da Bíblia.⁹³ Nas palavras de Horton, esta era a “prova concreta da realidade do corpo ressurreto de Cristo”.⁹⁴

Com relação ao verso 42, o papel de Jesus como juiz de vivos e mortos também se encontra relatado em outras passagens do NT, tais como 2Tm 4.1 e 1Pe 4.5. Contudo, ele não é mencionado especificamente nos resumos daquilo que Jesus mandou que seus discípulos pregassem. Na opinião de Marshall, “talvez seja, portanto, uma dedução dos Seus ensinamentos anteriores que o Filho do homem sentar-se-ia à destra de Deus e participaria da Sua tarefa de julgar (cf. Jo 5:22, 27)”.⁹⁵ Horton esclarece que o julgamento mencionado por Pedro não se refere aos espiritualmente vivos e aos espiritualmente mortos, mas que Jesus julgará todos os que já viveram ou que ainda viverão na terra.⁹⁶

É no verso 43 que o apóstolo Pedro expressa que, em conformidade com as palavras dos profetas, todo aquele que crê em Jesus recebe remissão dos pecados. Ainda que não seja possível saber a quais profecias especificamente Pedro se refere, é provável que ele tivesse em mente textos como Is 33.24; 53.4-6,11; Jr 31.35 e Dn 9.24.⁹⁷ Conforme Carter, “é significativo que Pedro conclui sua mensagem com a clara implicação de que o caminho da salvação para aqueles gentios, assim como para os judeus, é aberto através da fé no nome, e submissão ao senhorio de Jesus Cristo”.⁹⁸

O apóstolo Pedro já havia feito essa afirmação no Pentecostes (At 2.38). Agora ele vê que os gentios não precisam se tornar judeus, mas apenas ter fé em Jesus como messias e juiz, como havia sido predito pelos profetas. A expressão *διὰ τοῦ ὀνόματος αὐτοῦ* (*dia tou onomatos autou*, “através do seu nome”) não significa uma

⁹¹ ROBERTSON, 1930, p. 147.

⁹² BRUCE, 1973, p. 227.

⁹³ MARSHALL, 2001, p. 185.

⁹⁴ HORTON, 1983, p. 117.

⁹⁵ MARSHALL, 2001, p. 185.

⁹⁶ HORTON, 1983, p. 117.

⁹⁷ MARSHALL, 2001, p. 185-186.

⁹⁸ CARTER, 1973, p. 147. “It is significant that Peter concludes his message with the clear implication that the way of salvation for these Gentiles, as also for the Jews, is open through faith in the name, and submission to the lordship of Jesus Christ”.

fórmula mágica, mas o poder do próprio Cristo representado por meio do seu nome.⁹⁹ Como foi dito, essa mensagem está relacionada com aquilo que havia sido predito pelos profetas do AT. Quanto a isso, Stott escreve:

Muito antes de os apóstolos começarem a testemunhar sobre ele como o Salvador, todos os profetas já o haviam feito no Antigo Testamento, e ainda o fazem através de sua palavra escrita: eles dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo o que nele crê, isto é, no Jesus único, histórico, encarnado, crucificado e ressurreto, recebe remissão de pecados (v. 43) [...].¹⁰⁰

O texto mostra um exemplo de pregação evangelística expositiva do primeiro século do cristianismo, que foi recebida pelos interlocutores gentios e claramente aprovada e abençoada por Deus. Esse tipo de pregação, conforme Carter, “nunca perdeu sua utilidade através dos séculos subsequentes”.¹⁰¹

Se inicialmente alguém poderia compreender que o discurso do apóstolo Pedro, devido aos versículos de At 10.34-35, eliminaria a necessidade da fé em Jesus Cristo, o versículo 43 remove qualquer dúvida e mostra que a mensagem é justamente o oposto. A pregação do apóstolo culmina no testemunho da ressurreição de Jesus e na necessidade da fé em seu nome para o perdão dos pecados, pois Ele (Jesus) foi constituído juiz dos vivos e dos mortos. Essa é a mensagem que Deus ordenou aos apóstolos que pregassem. As pessoas que temem a Deus e praticam a justiça são bem-vindas para a mensagem de Cristo.¹⁰²

4. SÍNTESE

Após a análise do texto, quais as conclusões a respeito da pregação do Evangelho? Seria necessário anunciar a morte e ressurreição de Jesus mesmo para uma pessoa temente a Deus e praticante de boas obras, como era o caso do centurião Cornélio? A mesma mensagem que o apóstolo Pedro pregou na casa do centurião deve continuar sendo anunciada a todos ainda nos dias de hoje? A seguir foram sintetizadas as conclusões observadas durante o estudo do texto de At 10.34-43.

Foi possível perceber que os acontecimentos relatados no livro de Atos mostram como o plano do Senhor Jesus de que sua mensagem fosse proclamada até os confins

⁹⁹ ROBERTSON, 1930, p. 148.

¹⁰⁰ STOTT, 1994, p. 214.

¹⁰¹ CARTER, 1973, p. 147. “Thus Peter sets an example of expository evangelistic preaching in the first Christian century, which was both eagerly received by his Gentile hearers and signally approved and blessed of God. Nor has this type of preaching ever lost its usefulness throughout the subsequent centuries”.

¹⁰² BOOR, Werner de. *Comentário Esperança: Atos dos apóstolos*. Curitiba: Esperança, 2008. p. 162.

da terra estava sendo realizado. Cesareia, sendo uma cidade importante em sua época, representava um local estratégico para a expansão do evangelho. Da mesma forma, o centurião Cornélio, sendo um homem de grande influência, certamente levaria o Evangelho também a outras pessoas (algo que Cornélio fez mesmo sem total consciência ao convidar pessoas para que estivessem consigo em sua casa). O acontecimento narrado foi realmente importante para a expansão do Evangelho entre os gentios, tendo sido citado por Pedro na ocasião do Concílio em Jerusalém (At 15), quando os apóstolos discutiam sobre a necessidade ou não de impor a circuncisão aos novos convertidos ao cristianismo.

A análise do discurso de Pedro mostrou também que, de fato, deve-se entender que Deus não é parcial, mas de todas as etnias aceita pessoas que o temem e praticam a justiça. Contudo, essa imparcialidade está relacionada com a distinção entre judeus e gentios, já que esta era a questão causadora de tensão na época (se Deus aceitaria os gentios sem a necessidade de que estes se tornassem judeus). Conforme foi visto, a imparcialidade de Deus e a prática de atos de justiça não exclui a necessidade da pregação do Evangelho, pois é justamente por meio de Cristo que o ser humano é aceito por Deus. Mesmo o conhecimento parcial de Cornélio e seus convidados sobre Jesus teve de ser complementado, por meio das palavras do apóstolo Pedro, com a mensagem da vida, morte e ressurreição de Jesus. Tal conhecimento sobre Jesus não é constituído apenas de uma mensagem moral ou mística, como nas crenças helênicas ou romanas, mas do testemunho de fatos históricos. Isso é claramente reforçado pela afirmação feita por Pedro de que os apóstolos “comeram e beberam” com o Senhor Jesus após a sua ressurreição. O texto mostra que a ressurreição corpórea de Jesus foi real.

Outra conclusão é de que a mensagem a respeito de Jesus deve ser proclamada para pessoas de todas as etnias. O anúncio dessa mensagem foi ordenado por Deus, com a afirmação de que Jesus foi constituído juiz dos vivos e mortos e que o perdão dos pecados é concedido mediante a fé no seu nome, em conformidade com as profecias do AT. Trata-se do resumo da mensagem do Evangelho. O livro de Atos, como um todo, mostra como essa mensagem se expandiu, passando a ser anunciada não somente aos judeus, mas também aos gentios - o que inclui o centurião Cornélio e os convidados de sua casa. Essa necessidade da pregação está em conformidade com o grande mandamento (Mt 28.18-20, Mc 16.15, At 1.8) e também com o que o apóstolo Paulo escreve em sua carta aos romanos: “Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não

houver quem pregue?” (Rm 10.14). Portanto, sabendo que atualmente ainda há muitos que não ouviram a mensagem do Evangelho, não há razões para que tal mensagem deixe de ser anunciada pela igreja.

REFERÊNCIAS

ALAND, Barbara; ALAND, Kurt (Orgs.). *O Novo Testamento grego*: quarta edição revisada. Barueri: SBB, 2012. 991 p.

ALLEN, Clifton J. *Comentário bíblico Broadman: Novo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1984. v. 10. 463 p.

BAXTER, J. Sidlow. *Examinai as Escrituras: Atos a Apocalipse*. São Paulo: Vida Nova, 1989. 375 p.

BÍBLIA Sagrada: Nova versão internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2003. 1002 p.

BOOR, Werner de. *Comentário Esperança: Atos dos apóstolos*. Curitiba: Esperança, 2008.

BRUCE, F. F. *The Acts of the Apostles*. Grand Rapids: Grand Rapids Book Manufacturers, 1973. 491 p.

CARTER, Charles W.; EARLE, Ralph. *The Acts of the Apostles*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1973. 435 p.

COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Venda Nova: Betânia, 1991. 360 p.

DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. São Paulo: Vida Nova, 1986. 322 p.

DODD, C. H. *The apostolic preaching and its developments*. New York: Harper & Row Publishers, 1964. 96 p.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. 330 p.

GUTHRIE, Donald. **New Testament Introduction**. Downers Grove, Illinois: Inter-Varsity Press, 1970. 1054 p.

HORTON, Stanley M. **O livro de Atos**. Miami: Vida, 1983. 253 p.

MARSHALL, I. Howard. **Atos dos apóstolos: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2001. 397 p. (Série Cultura Bíblica).

MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010. 622 p.

METZGER, Bruce M. **A Textual Comentary on the Greek New Testament**. London: United Biblical Societies, 1971. 775 p.

OMANSON, Roger L.; SCHOLZ, Vilson. **Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”**. Barueri: SBB, 2010. 575 p.

PIERSON, Paul E. **Atos que contam: fatos que marcaram a igreja**. Londrina: Descoberta, 2000. 182 p.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008. 631 p.

ROBERTSON, Archibald Thomas. **Word Pictures in the New Testament: the Acts of the Apostles**. Nashville: Broadman Press, 1930. v. III.

STAGG, Frank. **O livro de Atos dos apóstolos**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. 261 p.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos: até os confins da terra**. São Paulo: ABU, 1994. 462 p. (A Bíblia fala hoje).

TURNER, D. D. *Exposição de Os atos dos apóstolos*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1989. 341 p.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional